



La Comédiathèque

Pramédias

Jean-Pierre
Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Dramédias

Comédia de esquetes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Se o mundo é um teatro, a peça costuma ser um fiasco. O seu autor permanece anónimo, e os papéis secundários são os primeiros a serem esquecidos. Entre o absurdo e o vodevil, representa-se a tragicomédia das nossas vidas comuns. O importante é não estragar a saída...

1. Fatalmente Cómico.....	3
2. Não é um drama.....	10
3. À porta fechada.....	15
4. Autor Anónimo.....	24
5. Mudança de Cenário.....	26
6. Cena do Crime.....	30

16 personagens

De 4 a 16 atores (homens ou mulheres).
Elenco muito adaptável em número e género,
cada ator pode interpretar vários papéis,
e a maioria dos personagens pode ser masculina ou feminina.

© La Comédiathèque

1. Fatalmente Cómico

Sobre uma mesinha, uma cafeteira, duas chávenas e um jornal. Pedro entra de roupão. Serve-se de uma chávena de café e pega no jornal para o ler. Maria, sua esposa, entra.

Maria – Está tudo bem?

Pedro – Tudo bem.

Maria serve-se de uma chávena e observa Pedro.

Maria – Pareces preocupado... Há algum problema?

Pedro – Não... Bem... Ainda não tenho uma ideia para a minha nova peça.

Maria – Não te preocupes, vai aparecer... Acaba sempre por aparecer, não é?

Pedro – Sim... Até agora...

Maria – Não há uma boa história no jornal que te possa inspirar?

Ele pousa o jornal.

Pedro – As notícias são cada vez mais deprimentes... Acho que vou deixar de ler a imprensa. Já deixei de ver televisão e de ouvir rádio...

Maria – É verdade que tudo isso não é muito alegre, mas enfim. Por outro lado... é por isso que sempre vamos precisar de autores como tu.

Pedro – Ah, é? E o que é um autor como eu?

Maria – Sabes... Alguém que nos faça rir... Um cómico!

Pedro – Um cómico? Então é assim que me vês? Como um cómico!

Maria – Precisamos de autores que escrevam boas comédias! Para esquecer um pouco as nossas preocupações... Fazer-nos passar um bom momento sem pensar em nada...

Pedro – Sem pensar em nada?

Maria – Desculpa... Quero dizer... pensar noutra coisa.

Pedro – Entendo... Então para ti, sou apenas um entretedor... Um tipo que desvia a atenção do povo dos verdadeiros problemas da sociedade...

Maria – O povo! Já estás a usar grandes palavras... Divertir o público, não é algo digno?

Pedro – Não sei... Também se pode querer outra coisa...

Maria – Como o quê?

Pedro – Ser útil...

Maria – Para mim, distrair as pessoas, fazê-las sorrir, é muito útil. E nem toda a gente tem esse talento.

Pedro – Sim, claro...

Maria – O quê?

Pedro – Já escrevi quase uma centena de comédias.

Maria – E sempre foram um sucesso absoluto.

Pedro – Sim, mas começo a ficar sem ideias. Pergunto-me se já explorei todas as possibilidades.

Maria – Queres deixar de escrever?

Pedro – Não sei se seria capaz... Não, só me perguntava se...

Maria – Se o quê?

Pedro – E se tentasse outro género?

Maria – Um romance, queres dizer? Há anos que te digo que devias tentar. Há romances muito engraçados também...

Pedro – Infelizmente, não sou romancista, sei disso. Teatro, não sei fazer outra coisa.

Maria – Bem, então só te resta encontrar um bom tema para uma comédia.

Pedro – E se escrevesse... outro tipo de peça?

Maria – Outro tipo de peça?

Pedro – Algo que não fosse necessariamente engraçado, percebes?

Maria – Uma comédia que não fosse engraçada?

Pedro – Não, precisamente não uma comédia!

Maria – Queres dizer... uma comédia dramática?

Pedro – Quero dizer que não seja uma comédia de todo!

Maria – Queres escrever um drama?

Pedro – Um drama, uma tragédia... Chama-lhe o que quiseres.

Maria – Está bem...

Pedro – O quê?

Maria – Não sei... (*Silêncio*) Tens a certeza de que estás bem?

Pedro – Já não tenho ideias para uma comédia. Gostaria de tentar escrever outra coisa. Também não é um drama!

Maria – OK... (*Uma pausa*) Queres mais café?

Pedro – Não, obrigado.

Maria – Então deixo-te a refletir... sobre a tua nova peça.

Ela sai. Ele suspira e volta a abrir o jornal. O telefone toca. Ele atende.

Pedro – Sim? Ah, sim... Não, não, estava mesmo para te ligar... Olha, ainda não sei... Por agora estou sem inspiração. Sim, eu sei, sempre disse que isso não existia. Mas sabes, a inspiração é como Deus. Diz-se que não existe até ao momento em que realmente se precisa dela... E tu, como estás? Bem... Entendo... De acordo... Olha, tenho que desligar agora... Falamos e tentamos almoçar juntos na próxima semana, está bem? OK, combinado... Adeus, um abraço.

Maria volta, com um pouco de embaraço.

Maria – Tenho que ir fazer umas compras, volto já. Está tudo bem?

Pedro – Eh... sim. Nos últimos minutos, a situação não evoluiu muito, mas sim, estou bem.

Maria – Pronto, então vou indo.

Pedro – Isso mesmo. Até logo.

Ela sai. Ele volta a ler o jornal, mas mal começa quando soa a campainha da porta. Ele sai um momento para abrir e volta acompanhado por uma mulher.

Alex – Espero não estar a incomodar.

Pedro – Não, não, de todo, eu estava... Queres um café?

Alex – Obrigada, não é preciso.

Pedro – É agradável que passes assim, de improviso.

Alex – Quando se vive no mesmo prédio que o seu agente, corre-se sempre o risco de que ele apareça sem convite...

Pedro – Talvez deva mudar-me, então...

Silêncio desconfortável.

Alex – Em que estás a trabalhar agora?

Pedro – Nada... Estava ao telefone com... Como é que ela se chama? Sabes, aquela atriz que atuava em... Agora é editora.

Alex – Editora?

Pedro – Sabes como é. A vida é cruel para as atrizes. Especialmente para as protagonistas jovens. Passados os trinta...

Alex – Estás à procura de um novo editor?

Pedro – Não especialmente... Foi ela que me ligou. Só queria saber como estava... Isto começa a preocupar-me. Toda a gente me pergunta se estou bem hoje...

Alex – E... estás bem?

Pedro – Sim, obrigado... É uma loucura...

Alex – O quê?

Pedro – Terminei a conversa dizendo-lhe: “falamos e almoçamos...?” Saiu-me assim. A força do hábito. No final, podíamos ter almoçado juntos ao meio-dia.

Alex – Que queres... Estamos todos ocupadíssimos...

Pedro – Ou então não temos nada para fazer e fingimos...

Alex – Sim...

Pedro – Tu, por exemplo. Estás particularmente ocupada hoje? (*Silêncio*) Não, obviamente, senão não estarias aqui. Imagina só? Aceitas almoçar assim, de improviso... No dia seguinte, todos os do meio saberiam que não tens nada para fazer nos teus dias. Que ninguém mais quer trabalhar contigo. Que estás desempregada. Ou, pior, que estás na lista negra... Então, já ninguém te ligaria, e serias uma autêntica antiquada.

Alex – Sim... (*Silêncio*) E então, ela está bem?

Pedro – Quem?

Alex – A tua editora!

Pedro – Não sei... Tens razão... No fundo, talvez seja ela que não esteja bem. Ligou-me porque precisava de falar com alguém. E eu quase desliguei-lhe o telefone... Deveria ter-lhe proposto almoçar com ela ao meio-dia... E tu, estás bem?

Alex – Sim, estou bem...

Pedro – Tens a certeza de que não queres café?

Alex – Certeza... (*Silêncio*) Estás a escrever alguma coisa agora?

Pedro – Não, não muito. Acho que cheguei ao fim de algo. Devia mudar um pouco de estilo.

Alex – Sim, eu sei, cruzei-me com a Maria nas escadas.

Pedro – Não me digas que vieste ver-me por causa disso.

Alex – Então queres escrever um drama.

Pedro – Sim, bem... Porque não?

Alex – Estás a brincar?

Pedro – Olha, Alex, esse é o meu problema. A simples ideia de que considere escrever algo que não seja uma comédia, as pessoas acham que é uma piada.

Alex – Digamos que... não é o tipo de terreno onde se costuma esperar-te.

Pedro – E depois?

Alex – Pode surpreender o teu público... Talvez desiludi-lo...

Pedro – Desiludi-lo? Ainda não escrevi uma linha, e já dizes que será desiludente. Obrigado pelo apoio. Pelo menos agora sei para que serve ter uma agente.

Alex – E... já tens algum tema?

Pedro – Não... Só é uma ideia...

Alex – Então, só é uma ideia.

Pedro – Isso mesmo...

Alex – Desculpa, talvez tenha sido precipitada.

Pedro – Não sei... Estava a pensar em escrever algo sobre esses migrantes que chegam às nossas costas. Quando não morrem afogados no caminho, claro...

Alex – Uma comédia, dizes? (*Pedro lança-lhe um olhar de reprovação.*) Desculpa, não sei por que disse isso... Então, queres mesmo escrever algo...

Pedro – Já não tenho vinte anos... Nem tu... Talvez seja altura de começarmos a refletir sobre o mundo que nos rodeia, não achas?

Alex – O mundo que nos rodeia?

Pedro – Imagina que depois da nossa morte, reencarnamos. Assim, ao acaso. O mundo é maioritariamente povoado por gente que leva uma vida miserável. Se é que se pode chamar vida a isso. Pensando bem, tirando uma minoria privilegiada, o grupo dos mais afortunados que vive em paraísos fiscais, a Terra é um inferno.

Alex – E então?

Pedro – E então? Estatisticamente, a reencarnação é um inferno assegurado... Se não mudarmos o mundo em vida, temos quase a certeza de viver um inferno na próxima reencarnação.

Alex olha para ele, surpreendida.

Alex – Está bem...

Pedro – Vou deixar-te a refletir sobre isso. Vou vestir-me...

Sai. Maria regressa.

Maria – E então?

Alex – Está muito mal.

Maria – Eu disse-te.

Alex – Está a delirar. Fala sobre a morte. Do paraíso. Do inferno.

Maria – A sério?

Alex – Quer escrever uma peça sobre os exilados.

Maria – Exilados fiscais?

Alex – Exilados económicos!

Maria – Queres dizer... os reformados que vão para Marrocos, porque a vida é mais barata lá?

Alex – Os migrantes! No Mediterrâneo!

Maria – Não pode ser... Ele disse-te?

Alex – Tentei falar com ele, mas ele não quer saber.

Maria – Onde está?

Alex – Foi vestir-se.

Maria – Não entendo... Até esta manhã, estava completamente normal. Quer dizer... normal para ele, claro...

Alex – Talvez seja apenas temporário. Pode estar um pouco deprimido. Mas não devemos tomar isto de ânimo leve.

Maria – Pois... Custa-me dizer isto, mas... tenho a impressão de que ele tem tendências suicidas.

Alex – Talvez devêssemos sugerir-lhe que visse um médico.

Maria – Um psiquiatra, queres dizer?

Alex – Não sei.

Maria – Às vezes, com uma simples cura de vitaminas... Um homeopata?

Pedro regressa.

Pedro – Ah, já voltaste?

Alex – Vou deixar-vos.

Pedro – Não, não estou a mandar-te embora.

Alex – De qualquer forma, já ia. Tenho... Tenho que ir. Tenho um dia muito ocupado. Falamos e almoçamos juntos?

Sai. Maria olha para Pedro com um ar desconfortável.

Maria – Só lhe disse que estavas aqui e que, se quisesse, podia subir para um café...

Pedro – Não quis.

Maria – O quê?

Pedro – O café. Ofereci-lhe e não quis.

Silêncio.

Maria – Mas o que é que procuras, Pedro, exatamente?

Pedro – Não sei...

Maria – Não estamos bem juntos?

Pedro – Claro que sim, não é isso.

Maria – Tens uma amante, é isso?

Pedro – Não, de maneira nenhuma!

Maria – Temos a vida que queríamos, não é? Fazes o trabalho que gostas. Não tens chefe. Ganhas bem.

Pedro – Eu sei.

Maria – Então, o que se passa?

Pedro – Tudo isto já não faz sentido para mim. Preciso... de tentar outra coisa.

Maria – Mas porquê?

Pedro – Não sei... Para que, no meu funeral, as pessoas não digam apenas: "era um cómico..."

Silêncio

Maria – Queres que nos mudemos?

Pedro – Noutro lugar seria o mesmo.

Maria – Não vais fazer nenhuma asneira, pois não?

Pedro – Uma asneira? Como o quê?

Maria tenta esconder o nervosismo.

Maria – Deixo-te trabalhar...

Ela sai. Pedro fica um momento pensativo. Pega num caderno e num lápis e tenta escrever, mas claramente a inspiração não está presente. Desliga o telefone e marca um número.

Pedro – Sim, desculpa, sou eu outra vez... Olha, finalmente consegui libertar-me para esta noite. Podes vir jantar a minha casa? Gostava de falar contigo sobre um novo projeto... Sim, claro, vem com o teu marido. OK, às oito, perfeito. Pronto, até logo...

Ele desliga. Retoma o caderno e o lápis, e começa a escrever com entusiasmo. Para e dirige-se ao público.

Pedro – Vão ver. Desta vez, não vão rir.

Volta a escrever.

2. Não é um drama

Ele está lá, visivelmente desconfortável. Ela chega, pronta para sair.

Ela – Normalmente, és sempre tu que esperas por mim... Ainda não estás pronto?

Ele – Sim, sim, eu... Estou a vestir o casaco.

Ela – O teu casaco de cabedal...

Ele – Já o tinha antes de te conhecer... Foi um presente da minha avó... Não vale a pena deitá-lo fora agora, pois não? Quero dizer... De qualquer forma, ela já está morta.

Ela – A tua avó está morta?

Ele – Não a minha avó! A vaca! É de vaca...

Ela – Claro... A vaca que sacrificaram num matadouro para que te possas cobrir com a pele dela...

Ele – O meu próximo casaco será de couro vegetal, prometo-te. Dizem que agora fazem imitações muito boas, à base de ananás ou cogumelos.

Ele veste o casaco sem entusiasmo.

Ela – Então, hoje é o grande dia?

Ele – Sim, parece que sim...

Ela – Finalmente vou conhecer os teus pais... Começava a perguntar-me se tinhas vergonha de mim.

Ele – Que disparate! Seria mais o contrário...

Ela – O contrário? Porquê? Tens vergonha dos teus pais?

Ele – Não, não, mas...

Ela – Então, tens medo do quê?

Ele – De nada, asseguro-te.

Ela – Eu é que devia ter medo. Apresentas-me aos teus pais... Isto torna-se oficial. É quase um compromisso, não é?

Ele – Pois...

Ela – Mostra um pouco de entusiasmo!

Ele – Ouve, tenho algo para te dizer.

Ela – Estás a assustar-me...

Ele – É sobre os meus pais, precisamente.

Ela – Os teus pais? O que se passa com os teus pais?

Ele – Não é fácil de dizer...

Ela – Vá lá, posso ouvir tudo... Em qualquer caso, se é importante, prefiro saber agora. Assim, sinto-me menos tola...

Ele – Digamos que este jantar não vai ser exatamente como imaginavas. Os meus pais são... Como é que eu digo...?

Ela – São surdos-mudos. Comunicamo-nos em linguagem gestual.

Ele – Não...

Ela – Cegos?

Ele – Também não.

Ela – São pessoas de baixa estatura...

Ele – Pior do que isso... Bem, para ti, em todo o caso.

Ela – Já entendi... Votam à direita, e não tiveste coragem de me dizer. É por isso que não querias que os conhecesse antes?

Ele – Não, não é isso.

Ela – Claro, sou uma tola. Disseste-me que eram livreiros. Não se pode vender livros e votar à direita.

Ele – Tranquila, os meus pais não votam de todo.

Ela – Então o quê?

Ele – É sobre... A comida... Enfim, sobre a comida em geral.

Ela – A comida...?

Ele – Não te contei toda a verdade.

Ela – Pronto... Os teus pais são judeus e comem kosher. Qual é o problema? Pode-se ser vegan e comer kosher! Aliás, é muito mais fácil. É sobretudo a carne que tem de ser kosher, não é?

Ele – Sim... Bem, não sei...

Ela – As frutas e os legumes são muito ecuménicos. Tenho a certeza de que o veganismo podia acabar com todas as guerras religiosas. Na mesa, pelo menos, que já é um começo... Enquanto resolvemos o conflito no Médio Oriente.

Ele – É um pouco mais complicado do que isso...

Ela – O quê? O conflito no Médio Oriente?

Ele – Não, para os meus pais.

Ela – Entendo... São praticantes. Para os agradar, deixaste-os acreditar que a tua futura esposa era judia. E agora não sabes como lhes dizer que estás com uma rapariga que não é judia...

Ele – Tranquila, ninguém na família é judeu.

Ela – Porque achas que isso me preocuparia? Que tipo de pessoa achas que sou?

Ele – Não, o problema é que...

Ela – Vá lá, isto começa a assustar-me.

Ele – Os meus pais não são realmente livreiros.

Ela – Como assim não são realmente? Ou se é livreiro ou não. Como se pode não ser realmente livreiro?

Ele – Não são livreiros de todo... e não são tão veganos como te disse.

Ela – Como assim, não tão...?

Ele – Comem legumes, claro, mas...

Ela – São só vegetarianos? Bem, também não é um drama. Achas que sou assim tão rígida? Mas porque é que me disseste que eram veganos?

Ele – Disse-o porque... Sabia que era importante para ti.

Ela – Vou viver contigo! Partilhamos os mesmos valores, isso chega. Não se escolhe a família, já é bem sabido. Ainda menos a família política...

Ele – Não sei como te dizer isto...

Ela – Então, os teus pais não são livreiros. E depois? O que fazem?

Ele – Têm a talho, mesmo na esquina da rua...

Ela (*surpresa*) – O talho...

Ele – O talho de carne de cavalo... Entre o sapateiro e o tabacaria, sabes?

Ela – Isto é uma brincadeira, não é?

Ele – Não.

Ela – Disseste-me que na tua família todos eram veganos, exceto a tua avó, e agora dizes-me que vou casar com o filho de um talhante!

Ele – Eu não sou talhante! Só sou o filho do talhante...

Ela – E pensavas dizer-me isso quando? No dia do casamento, durante o jantar? Entre o chouriço de burro e o bife de cavalo?

Ele – Mas não! Já te estou a dizer agora...

Ela – Lembro-te que os meus pais, esses sim, são veganos. E levam isso muito a sério.

Ele – A sério?

Ela – Se achas graça, eu não... E agora, o que fazemos?

Ele – Eu sou realmente vegano. Bem, sou desde que te conheci... Isso não muda nada entre nós, pois não?

Ela – Talvez para ti não signifique nada, mas para mim significa muito...

Ele – Estás zangada?

Ela – Vou precisar de tempo para refletir sobre tudo isto, de facto. (*Ela hesita.*) Mas não o vou fazer agora. Fomos convidados, não fomos? Então vou. Não sou do tipo que volta atrás, fica sabendo. Falamos sobre isso depois. Vamos?

Ele – O problema é que...

Ela – Ainda há outro problema?

Ele – Não tive coragem de lhes dizer que não comes carne.

Ela – Não, diz-me que não é verdade...

Ele – Não tenho a certeza de que compreenderiam... Já não são muito novos... À idade deles, não vale a pena forçá-los... Podia até matá-los, sabes? O meu pai tem o coração fraco...

Ela – Podias ter-lhes dito, com jeito...

Ele – Digamos que não encontrei o momento certo...

Ela – Pois claro...

Ele – Podes sempre comer os legumes... Só tens de dizer que não tens muito apetite... Que estás doente...

Ela – Sabes uma coisa? Acho que quem está doente és tu.

Ela tira o casaco.

Ele – Então não vens...

Ela (*horrorizada*) – Um talho de carne de cavalo?

Ele – Então, preferes abandonar à sua sorte o filho de um talhante recentemente convertido ao veganismo? Sem ti, corro o risco de recair, já sabes...

Ela – Ainda por cima estás a gozar comigo?

Ele – Não me olhes assim, sinto-me como se estivesse prestes a matar-me.

Ela – Na verdade... confesso que tenho vontade de te estrangular.

Ele – Acalma-te, peço-te! Lembra-te que és vegana... e que para ti o sexto mandamento é o mais sagrado dos dez.

Ela – O sexto...?

Ele – Não matarás!

Ela – Vou estrangular-te, e depois confesso-me.

Ela aproxima-se dele, ameaçadora.

Ele – Não faças isso, peço-te.

Ela – Não sei o que me impede...

Ele – Então acreditaste realmente nesta história?

Ela – O quê?

Ele – Vá lá... As talhos de carne de cavalo já não existem há muito tempo! Na esquina da rua, entre a tabacaria e o sapateiro, é uma padaria! Se fosses às compras mais vezes, saberias...

Ela – Os teus pais não são talhantes?

Ele – Os meus pais são livreiros, votam à esquerda e são veganos. Como sempre te disse.

Ela – Estás louco! Porque é que me contaste uma história dessas?

Ele – Para ver até onde me amas... Agora já sei. Então, terias recusado casar-te com o filho de um talhante?

Ela – Não sei... Não, provavelmente não. Mas teria acabado por te matar, isso é certo.

Ele – Então teria sido uma tragédia? Os Capuletos talhantes e os Montéquios veganos...?

Ela – Mas no fim, continua a ser uma comédia de enredo.

Ele – Há coisas que nunca mudam...

Ela – Não é um drama.

Ele – Bem, vamos? Vamos chegar atrasados.

Ela – Vamos. Não te esqueceste do bolo de cenoura...

Ele – Tranquila, querida, já está no carro.

Ela – A propósito, isso era um pedido de casamento?

Ele – Sim...

Ela – Sem dúvida, o mais surpreendente que uma mulher já ouviu.

Ele – Sou dramaturgo, afinal. Passei uma semana a prepará-lo. Então, qual é a tua resposta?

Ela – Acho que vou esperar para ver os teus pais antes de responder.

Saem juntos.

3. À porta fechada

Um casal. Quatro cadeiras. Estão sentados.

Ela – Tudo bem?

Ele – Tudo bem... E contigo?

Ela – Tudo bem... (*Pausa*) Queres beber alguma coisa?

Ele – O quê?

Ela – Um aperitivo? Uns amendoins?

Ele – Não, obrigado, estou bem.

Pausa

Ela – Está-se bem aqui, não é?

Ele – Aqui?

Ela – Nesta casa.

Ele – Sim... (*Pausa*) Mas esta não é a nossa casa.

Ela – Ah, não?

Ele – Não.

Ela – Pois é.

Ele – É uma casa ou um apartamento?

Ela – Um apartamento, acho eu. Não sei.

Pausa

Ele – Lembras-te onde está a nossa casa?

Ela – A nossa casa?

Ele – A nossa verdadeira casa! A nossa!

Ela – Não... E tu?

Ele – Eu também não. Nem sequer me lembro como era.

Ela – Mudámos tantas vezes.

Ele – É verdade. Mudámos muito.

Ela – Sim. Cada vez mais.

Ele – Devíamos tentar lembrar-nos.

Ela – Lembrar-nos de quê?

Ele – De onde vivemos.

Ela – Todas as casas se parecem um pouco.

Ele – Mesmo quando é um apartamento.

Ela – Há quartos. Uma sala de jantar. Uma cozinha.

Ele – Na cozinha há um frigorífico, um fogão, uma mesa, gavetas...

Ela – Nas gavetas há garfos, facas, colheres.

Ele – Nos quartos há crianças. Às vezes...

Ela – Quando não há, é porque já foram embora. Para outra casa.

Pausa

Ele – Achas que algum dia voltarão?

Ela – As crianças?

Ele – Os proprietários!

Ela – Quem sabe... Há quanto tempo estamos aqui?

Ele – Não sei... Bastante tempo, não?

Ela – Sim.

Ele – Tenho sempre medo que toquem à porta e que sejam eles.

Ela – As crianças?

Ele – Os que vivem aqui! Os verdadeiros proprietários...

Ela – Ah, claro...

Ele – E tu não?

Ela – Sim. Aliás, pergunto-me se a campainha funciona.

Ele – O quê?

Ela – A campainha! Nunca a ouvimos.

Ele – De qualquer maneira, quando os que vivem aqui voltarem, não vão tocar.

Ela – Porquê?

Ele – É a casa deles! Vão ter a chave.

Ela – Claro.

Ele – Quando as pessoas voltam para casa, não tocam. Não têm razão para pensar que há alguém dentro quando eles não estão.

Ela – É verdade... Temos a chave?

Ele – Não sei. Tens a chave?

Ela – Não.

Ele – Eu também não.

Ela – Então, como é que entrámos aqui?

Ele – Não me lembro.

Ela – Talvez nos tenham aberto a porta.

Ele – Quem é que nos ia abrir a porta?

Ela – Os proprietários?

Ele – Mas se estamos sozinhos neste apartamento!

Ela – Desde quando?

Ele – Não sei...

Pausa

Ela – Provavelmente por isso nunca saímos. Não conseguiríamos voltar a entrar.

Ele – Pois. Porque não temos a chave.

A campainha toca. Olham um para o outro, inquietos.

Ela – Achas que são eles?

Ele – Dissemos que se fossem eles, não tocariam.

Ela – Então, quem será?

Ele – Quem sabe...

Ela – O que fazemos?

Ele – Temos que abrir, não?

Ela – Achas?

Ele – Viram a luz. Sabem que estamos aqui.

Ela – Desta vez é de vez... Estamos acabados...

Ele – Vamos ter que mudar-nos outra vez.

Ela – Mas para onde vamos?

Ele – Vou fazer a nossa mala.

Ela – Temos uma mala?

Ele – Toda a gente tem uma mala em casa, não?

Ela – Vou abrir-lhes a porta...

Ele – O que lhes vais dizer?

Ela – Não sei...

Ele – Temos que lhes dizer algo, para explicar por que estamos aqui. Na casa deles.

Ela – Talvez voltem de férias.

Ele – Vou ver se temos uma mala.

Ela sai. Ele também sai. Ela regressa com outro casal. João traz uma garrafa na mão e Cristina um ramo de flores. Ele volta com uma mala.

Ela – São o João e a Cristina.

Ele – Ah, olá...

João – Olá. Tudo bem?

Ele – Sim, e vocês?

Cristina – Ótimo. Vão de férias?

Ele – Não, porquê?

João – Como tens uma mala na mão...

Ele – Ah, sim, não, estava a guardá-la. Sabes como é com as malas, nunca se sabe onde pô-las.

Ela – E uma mala vazia ocupa tanto espaço quanto uma cheia.

Cristina – Sim. Mas pesa menos.

João – É verdade. Devíamos ir de férias com malas vazias. Viajaríamos mais leves.

Os quatro riem, um pouco forçados.

Cristina – Então, tudo bem?

Ele – Sim.

João – Olha, trouxe champanhe para celebrarmos.

Ele – Celebrar o quê?

João ri às gargalhadas.

João – Celebrar o quê? Tens sempre a resposta certa, não é?

Cristina – É engraçado! Eu trouxe flores.

Ela – Ah, sim, isso também é bom.

Ele – Vou buscar copos.

Ela – Achas que temos?

João – Bem... Não vamos beber este champanhe pela garrafa!

Ela – Claro...!

Riém de novo.

Cristina – És tão engraçada!

Ela – E eu vou buscar um jarro. Para as flores.

Cristina – Querem que vos ajudemos?

Ele – Nem pensar!

Ela – Mas sentem-se, por favor.

Ele – Ponham-se à vontade, como se estivessem em casa.

Eles dois saem.

João (sorrindo) – Que engraçados que eles são...

Cristina – Sim...

João – Não mudaram. Continuam tão...

Cristina – Achas?

João – O quê?

Cristina – Que não mudaram.

João – Agora que falas nisso, é verdade que...

Cristina – Não, mas já não se parecem em nada com...

João – Sim, um pouco, sim...

Cristina – Pois...

João – E sabes como é, as pessoas... mudam...

Cristina – Não tanto... Não numa semana...

João – Foi há uma semana?

Cristina – Foi na semana passada. A última vez que os vimos.

João – É verdade que mudaram bastante.

Pausa

Cristina – Ou então, talvez... não sejam eles.

João – Não são eles? Mas o que estariam aqui a fazer? Se esta não é a casa deles...

Pausa

Cristina – Achas que podemos ter-nos enganado na porta?

João – Não creio... Além disso, eles parecem conhecer-nos, não? Se nos conhecem, é porque nós os conhecemos também.

Cristina – Sim, claro...

O Ele regressa.

Ele – Peço desculpa, não encontrei os copos de champanhe.

Cristina – Ah, os homens...

João – Só tens que perguntar à tua mulher.

A Ela também regressa.

Ele – Sabes onde estão os copos de champanhe, querida?

Ela – Não... Talvez não haja...

Cristina – Como? Não têm copos de champanhe? Toda a gente tem copos de champanhe, não?

João – Não faz mal. Vamos beber isto em copos normais, este champanhe.

Cristina – Têm copos de vinho, certo?

Eles parecem não ter a certeza.

Ele – Não vi nada...

Ela – Também não encontrei um jarro.

Cristina – Chávenas, pelo menos. Numa cozinha...

Ela – Não encontrei a cozinha.

Momento incómodo

João – Bem... Sabem o quê? Vamos beber este champanhe pela garrafa. Como os russos.

Cristina – Os russos bebem champanhe pela garrafa?

João – Os cossacos, de certeza. Sem sequer descer do cavalo.

Ela – Entretanto, sentem-se, por favor.

Os quatro sentam-se. Sorrisos. Silêncio desconfortável.

Ele – E as crianças, como estão? (*João e Cristina, que visivelmente não têm filhos, olham-se perplexos.*) Não, queria dizer, as crianças em geral. Não especialmente as vossas. Se não têm...

Silêncio desconfortável.

Ela – Vou ver se encontro amendoins...

Sai.

Ele – Em todo o caso, é bom terem vindo ver-nos.

Cristina – Somos amigos, não é?

Ele – Claro.

João e Cristina trocam um olhar desconfortável. Cristina indica a João para perguntar.

João – A minha pergunta vai-te parecer parva, mas... vocês vivem mesmo aqui?

Ele – Porque perguntas isso?

Cristina – Bem... Os nossos amigos que vivem aqui não se parecem nada com vocês.

João – Na verdade, da última vez que viemos, não se pareciam nada com vocês...

A Ela regressa.

Ela – Pronto, encontrei os amendoins!

Cristina – Encontraste a cozinha...?

Ela – Até encontrei uns copos.

João – Então podemos tomar o aperitivo!

Cristina – Vamos...!

João destapa a garrafa e enche os copos. Brindam.

João – À vossa saúde!

Ele – Pela amizade!

Bebem.

Ela – Tomem amendoins.

Comem amendoins.

Cristina – Nunca me atrevi a perguntar, mas...

Ele – Sim...?

Cristina – Onde é que vocês se conheceram? (Silêncio desconfortável) Desculpem a indiscrição. Não sei o que me deu...

Ela – Não, não, de todo, é só que...

Ele – Já não nos lembramos muito bem.

Cristina – Não se lembram?

João – Não se lembram de onde se conheceram?

Pausa

Ela – Eu diria que foi aqui, não?

Cristina – Aqui?

Ela – Um dia demos conta de que vivíamos no mesmo apartamento.

Ele – Sim, é curioso... Acho que foi assim que aconteceu.

Ela – Já faz um tempo, claro.

Ele – Sim... Uma semana, talvez.

Ela – Sim, isso mesmo, há mais ou menos uma semana.

Cristina – Ah, bom, que curioso...

Ele – E vocês?

João – Nós?

Ela – Conhecem-se há muito tempo?

Cristina – Não, não há muito...

João – Diria que... Sim, não faz muito tempo.

Cristina – Conhecemo-nos na entrada do prédio, lá em baixo.

João – Eu levava uma garrafa de champanhe na mão.

Cristina – E eu um ramo de flores.

João – Pensámos que íamos provavelmente para o mesmo sítio.

Cristina – Como eu não tinha o código...

João – Eu também não. Toquei a vários campainhas ao acaso. Vocês foram os primeiros a abrir-nos a porta.

Cristina – Como ele parecia saber para onde ia, segui-o.

Ele – Ah, sim...

Ela – Sim, é... uma bonita história.

Ele – Muito romântica.

Ela – Vais ver que vai acabar em casamento.

João e Cristina trocam um olhar desconfortável.

João – Então, se bem entendo, aqui ninguém se conhece realmente.

Ela – Ao que parece, não...

Cristina – E ninguém tem nada a fazer nesta casa.

Ele – Aparentemente, não...

João – Então, de quem é esta casa?

Silêncio.

Cristina – Querem um pouco mais de champanhe?

Ela – Obrigada, mas já é tarde. Talvez devêssemos deixá-los.

Ele – Em todo o caso, obrigado pela vossa hospitalidade.

João – De nada, por favor.

O Ele pega na mala e dirige-se com ela para a saída.

Cristina – Acompanho-vos?

Ela – Não se incomodem, conhecemos o caminho.

João – Querem ajuda com a mala?

Ele – Não... Não pesa nada... Está vazia.

Cristina – Bem... Até à próxima, então!

João – E obrigado pela visita!

Eles saem. João e Cristina voltam a sentar-se. Silêncio.

Cristina – Tudo bem?

João – Tudo bem... E contigo?

Cristina – Tudo bem... *(Pausa)* Queres beber mais alguma coisa?

João – Não, obrigado. Estou bem.

Cristina – Uns amendoins?

João pega num punhado de amendoins e começa a mastigá-los.

Cristina – Está-se bem aqui, não está?

João – Sim... *(Pausa)* Mas esta não é a nossa casa.

Cristina – Pois é.

João – É uma casa ou um apartamento?

Cristina – Um apartamento, acho eu.

4. Autor Anónimo

Ela está lá, de pé no meio do palco vazio, olhando à sua volta. Ele entra.

Ele – Ah, aqui estás! Estive à tua procura por todo o lado...

Ela – Pronto, o último camião acabou de partir com as últimas caixas.

Ele – Olhaste em todos os lados? Não ficou nada na casa?

Ela – Nada. A não ser as nossas memórias...

Ele coloca uma mão no ombro dela.

Ele – Vá lá... Vamos criar outras!

Ela – Claro... Mas os novos projetos não afastam a nostalgia.

Ele – Arrependes-te?

Ela – Não...

Ele – Lembras-te da primeira vez que entrámos nesta casa para a visitar?

Ela – Também estava vazia.

Ele – E entre esses dois vazios, vivemos. Enchemos esta casa. De móveis. De quadros. De crianças...

Ela – E ela encheu-nos. De alegria. De felicidade. De recordações.

Ele – Levamos essas connosco.

Ela – E deixamos este lugar quase tão limpo como o encontrámos ao entrar.

Ele – Muito mais limpo, se queres a minha opinião.

Ela – Quem serão os próximos? Não sabemos nada sobre eles.

Ele – E eles não saberão nada sobre nós.

Ela – Tal como nós não sabemos nada sobre quem cá esteve antes de nós.

Ele – As pessoas passam, as casas ficam.

Ela – Até que as casas também se desmoronam. Ou as demolem. Para construir prédios no seu lugar.

Ele – Também há casas assombradas por más lembranças.

Ela – Sim... Todas as casas têm uma história. Histórias.

Ele – Como a história de um crime, por exemplo.

Ela – Um crime?

Ele – Nem todos os crimes acontecem ao ar livre, sabes? A maioria são cometidos em casa. Em família, muitas vezes... E quando o crime sai nas manchetes, a casa torna-se invendável. Imagino que, às vezes, até devem acabar por demoli-la, para construir outro lugar. Uma casa sem história...

Ela – Obrigada, estás a animar-me com o que dizes.

Ele – Nunca se sabe... Talvez esta casa, antes de nós, não tenha abrigado só momentos felizes.

Ela – De qualquer forma, nunca encontramos cadáveres nos armários.

Ele – Talvez, se tivéssemos escavado na cave...

Ela – Bom... Então, prefiro que nos vamos embora agora.

Ele – Vês? Só tinhas de pedir...

Ela – Obrigada... Sei que posso sempre contar contigo nos momentos difíceis.

Dirigem-se para a saída. Ela baixa-se e apanha algo do chão.

Ele – O que é isso?

Ela – Um manuscrito, parece.

Ele – Um manuscrito?

Ela – Parece uma peça de teatro.

Ele – Como sabes?

Ela folheia o manuscrito.

Ela – Com pessoas a falar, se preferires. Não como um romance.

Ele – Já percebo... Diálogos...

Ela – Ou talvez seja o guião de um filme.

Ele – Fala de um crime?

Ela – Não sei.

Ele – Deve ter ficado preso atrás de um radiador, e com a mudança caiu no chão. O papel está completamente amarelado.

Ela – Mas consegue-se ler. Depois de tantos anos. Consegues imaginar?

Ele – O que será? Uma comédia? Um drama?

Ela – Teríamos de o ler.

Ele – Quem terá escrito isto?

Ela – Alguém que viveu aqui antes de nós, imagino.

Ele – É uma loucura... E se fosse uma obra-prima...?

Ela – Também pode ser uma porcaria.

Ele – Está assinado?

Ela – Não... Não vejo o nome do autor.

Ele – Talvez seja inédito. Um manuscrito anônimo, percebes? Poderias assiná-lo e publicá-lo... És editora. Para ti, seria fácil.

Ela – Seria plágio.

Ele – Se o autor estiver morto. E ninguém souber que ele escreveu isso...

Ela – Vou começar lendo...

Ele – É estranho, não?

Ela – O quê?

Ele – Estamos deixando esta casa e levando a história de outra pessoa conosco.

Ela – Espero que não seja uma tragédia...

Ele – Pelo menos, não encontramos um cadáver.

Ela – Isso quase me dá vontade de procurar...

Ele – Achas?

Ela – Talvez o autor esteja enterrado no porão...

5. Mudança de Cenário

O feixe de uma lanterna na escuridão. Depois, um segundo feixe. O primeiro ilumina o rosto do segundo.

Ele – Ah, és tu! Assustaste-me...

Ela – Então, tudo bem?

Ele – Sim, pronto, já está tudo no camião.

Ela – Correu tudo bem?

Ele – O de sempre.

Ela aponta a lanterna para o público.

Ela – Então, não havia ninguém...

Ele – Com o barulho que o cão fez quando cheguei... Se houvesse alguém em casa, já teria acordado.

Ela – Ou então está morto.

Ele – Não digas isso, não me dê ideias. Imagina só? Entro numa casa à noite para roubar e encontro um cadáver...

Ela – Com a sorte que tenho ultimamente, não me surpreenderia nada.

Ele – Pois... Vi isso num filme uma vez. Não me lembro do nome...

Ela – Contas-me noutra altura. E o cão... Tudo bem?

Ele – Obrigado por te preocupares se ele me mordeu ou não...

Ela – Mordeu-te?

Ele – Rasgou-me as calças. Tive que o deixar inconsciente...

Ela – Se não há ninguém, podemos acender a luz, não?

Ele – Força, as casas ao redor estão vazias. São quase todas segundas residências. E sem falar dos que já se mudaram.

Ela – Por causa dos assaltos, seguramente.

Ele – Se isto continuar assim, só vão restar casas vazias para roubar na região.

Ela acende um interruptor, e a luz ilumina o local. As roupas do homem estão em farrapos.

Ela – Vê-se que o cão te deixou em mau estado. Coitadinho... Não lhe fizeste muito mal, pois não?

Ele – Porquê? Vais fazer uma queixa à proteção dos animais?

Olhando à volta.

Ela – Fizeste uma boa limpeza, não? Não sobrou nada.

Ele – Cabe tudo no camião.

Ela – Coisas interessantes?

Ele – Principalmente móveis. Figuras decorativas. De mau gosto, a maioria.

Ela – Já imagino...

Ele – Típico estilo de novos ricos.

Ela – É melhor ser novo rico do que novo pobre.

Ele – Mas havia um cofre.

Ela – A sério?

Ele – Abri-o.

Ela – Quanto?

Ele – Está tudo no camião. Não contei.

Ela – Veremos mais tarde. Não vamos ficar aqui por muito mais tempo. Viste as outras divisões?

Ele – Esvaziei tudo. Vieste com o Manolo?

Ela – Dormi um bocado no carro a caminho, nem sei onde estamos. (*Olha à volta novamente.*) É incrível como uma casa vazia pode parecer tanto com outra.

Ele – Pois...

Ela – Tens a certeza de que é a casa certa?

Ele – Viste a cruz na fachada lá em baixo? O Manolo fez o reconhecimento da zona na semana passada.

Ela – Sim... Aquele tipo de cruz que indica objetos de valor, sem alarme, fácil de entrar...

Ele – Ele não se enganou. Exceto no cão. Com certeza estava a dormir quando passou.

Ela – É estranho. Esta casa parece-me vagamente familiar...

Ele – Gente que conheces, talvez...

Ela – Talvez...

Ela apanha algo do chão.

Ele – O que é isso?

Ela – Uma fatura da luz.

Ele – Deve ter caído de alguma gaveta.

Ela – Está no meu nome...

Ele – Não...?

Ela – Já me parecia...

Ele – Queres dizer que...?

Ela – Estamos em minha casa! Não acredito... Roubaram a minha casa!

Ele – Como é que eu havia de saber?! Havia uma cruz na parede. Não disseste ao Manolo onde vivias?

Ela – Não... E tu?

Ele – Nem me passou pela cabeça...

Ela – Caramba... Havia uma hipótese em mil...

Silêncio

Ele – Bem... Assim a mudança vai ser mais rápida...

Ela – Não tinha intenção de me mudar.

Ele – Então, o que fazemos?

Ela – O que é que queres que façamos? Só nos resta voltar a colocar os móveis no lugar. Sabes, os móveis e as figuras decorativas de mau gosto. Típico estilo de novos ricos...

Ele – OK...

Ela – E também me devolves o meu dinheiro. Talvez tenha o suficiente para comprar outro cofre. Agora que destruístes o meu...

Ele – Não te preocupes, não perdeste grande coisa. Era uma porcaria. Livrei-me dela em cinco minutos...

Ela – Isto é incrível. Espero que o cão, pelo menos, esteja bem...

Ele – Ainda te preocupas com esse maldito cão?

Ela – É meu! É o meu cão que deixaste inconsciente!

Ele – Ah, sim, é verdade, desculpa... Bem, ele vai ficar bem.

Ela – Sim... Estava deitado em frente à sua casota quando passei. Perguntava-me por que não ladrava ao ver-me.

Ele – Reconheceu a dona, claro.

Ela – Pois... E eu nem sequer reconheci a minha própria casa...

Ele – E depois dizem que os animais são menos inteligentes que nós.

Ela – Bem, ao trabalho. Ainda temos o que fazer, não é...?

Ele – Se não, fazes queixa do roubo e o seguro reembolsa-te tudo.

Ela – Achas?

Ele – Despachamos esta confusão, se conseguirmos vender a alguém. E aproveitamos para mudar a decoração...

Ela – Sim... Assim evitamos outra mudança de cenário ao encenador.

Ele – Saímos pelo pátio ou pelo jardim?

Saem.

6. Cena do Crime

Da Silva, inspetor de polícia, entra, seguido pelo seu adjunto, Da Costa. Olham em volta.

Da Silva – Não tocaste em nada?

Da Costa – Não... Em que é que eu poderia ter tocado?

Da Silva – É verdade que... nunca vi uma cena de crime tão... desesperadamente vazia.

Da Costa – Sim...

Da Silva – Vai ser complicado encontrar pistas.

Da Costa – Não vejo o que poderíamos enviar para o laboratório... a não ser o ar que respiramos.

Da Silva – Olha, é uma ideia...

Da Costa – Queres que envie uma amostra de ar para o laboratório?

Da Silva – Não vemos a arma do crime... Poderia ser uma intoxicação por gás.

Da Costa – Só uma autópsia poderia dizer-nos isso...

Da Silva volta a olhar à volta.

Da Silva – Uma autópsia, de acordo, mas... onde estão os cadáveres?

Da Costa também olha à volta.

Da Costa – Aparentemente, também não há cadáveres.

Da Silva – Como assim, não há cadáveres? Se não há cadáveres, não há crime! E se não há crime, não há cena do crime!

Da Costa – Ainda assim devem haver vítimas. Caso contrário, não estaríamos aqui.

Da Silva – Há vítimas, mas não há cadáveres?

Da Costa – Não vejo nenhum...

Da Silva – O autor deste crime fez desaparecer os corpos... Mas como?

Da Costa – Imagino que estamos aqui para descobrir...

Olham de novo em volta e depois para o chão.

Da Silva – Não vejo nada.

Da Costa – Ah, acho que encontrei algo.

Da Silva – O que é?

Da Costa – Um livro.

Da Silva – Um livro?

Da Costa (*folheando o livro*) – Um livro de teatro.

Da Silva – Como sabes que é um livro de teatro?

Da Costa – Está publicado pelas Edições La Comediateca.

Da Silva – Achas que isso pode ajudar-nos na investigação?

Da Costa – Quem sabe... (*Continua a ler.*) É inquietante... Os personagens aqui dentro têm os mesmos nomes que nós...

Da Silva – Não...?

Da Costa – O inspetor Da Silva e o seu adjunto Da Costa...

Da Silva – Deixa-me ver... (*Pega no livro e lê algumas páginas.*) E a descrição coincide exatamente com as das vítimas que estamos a investigar.

Da Costa – Então... Se considerarmos esta hipótese... Seríamos personagens de teatro?

Da Silva – Pior ainda: estaríamos mortos...

Da Costa – E teríamos sido encarregados de investigar o nosso próprio desaparecimento...?

Da Silva – É o caso mais estranho que tive em toda a minha carreira.

Da Costa – Que tipo de peça é esta? Cómica? Dramática?

Da Silva – Sabes, eu de teatro...

Da Costa – Qual é o título?

Da Silva – "Não é um drama."

Da Costa – Não, não digo isso, mas... qual é o título da peça?

Da Silva – "Não é um drama." Esse é o título da peça.

Olhando-se, atónitos.

Da Costa – Como é que personagens de teatro poderiam morrer? Se nem sequer existem realmente.

Da Silva – Tudo isto é insólito.

Da Costa – Morrer em cena, ainda por cima...

Da Silva – Ah, então achas... que estamos numa cena de teatro?

Da Costa volta-se para o público.

Da Costa – Olha para toda esta gente, no escuro... Parece que vieram para nos ver...

Da Silva – Raios, é verdade... Quem são, na tua opinião...? Testemunhas?

Da Costa – Talvez estejam aqui para assistir à reconstituição.

Da Silva – É uma loucura... Não me digas que ainda por cima pagaram bilhete.

Da Costa – Podes perguntar-lhes.

Da Silva – Achas que podemos falar-lhes?

Da Costa – Não sei...

Da Silva – Poderia ajudar-nos na investigação...

Da Costa – Talvez tenham visto alguma coisa...

Da Silva aproxima-se de um espectador.

Da Silva – Você, pagou bilhete?

Pequena improvisação dependendo da resposta ou da falta de resposta do espectador.

Da Costa – E, se não... viu alguma coisa?

Da Silva – Vamos ter que nos desenrascar sozinhos, como sempre.

Da Costa – Sim, porque, ao que parece, os nossos personagens não deixaram grande recordação...

Da Silva – É, infelizmente, o destino dos mortais comuns. Não deixar qualquer recordação da sua passagem pela terra.

Da Costa – Ainda assim... Nós, personagens de teatro...

Da Silva – É verdade... Esperar-se-ia que isso nos desse alguma notoriedade...

Da Costa – A peça deve ser uma porcaria. Quando é uma obra-prima, as pessoas lembram-se dos personagens, não?

Da Silva – Especialmente os papéis principais... Alguns personagens tornam-se até mais famosos que os seus autores.

Da Costa – Sherlock Holmes, por exemplo. Toda a gente se lembra dele. Mas, quem se lembra do nome do autor de Sherlock Holmes?

Da Silva – Elementar, meu caro Watson. É Conan Doyle.

Da Costa – Infelizmente, tu não és o Sherlock Holmes.

Da Silva – Nem tu o Dr. Watson.

Da Costa – Se fôssemos, já teríamos resolvido este enigma há muito.

Da Silva – Que podemos fazer... Somos apenas personagens secundários.

Da Costa – Aqueles de que ninguém se lembra quando cai o pano... Quem disse que a vida é um sonho?

Da Silva – A vida... Parece longa, sobretudo no início. Começas a dizer o teu texto no primeiro ato.

Da Costa – No início, não percebes que a peça já está escrita.

Da Silva – E, pouco a pouco, vais-te lembrando das palavras enquanto as dizes.

Da Costa – Até que te lembras delas antes de as dizeres.

Da Silva – E quando a história se aproxima do fim... Só esperas não te enganares na saída...

Da Costa – Aqui cheira a mofo, não?

Da Silva – É o cheiro do teatro.

Da Costa – A boa notícia é que conseguimos encontrar os corpos.

Da Silva – Sim... E parece que já começam a cheirar.

Da Costa – O cheiro de personagens em decomposição... Os de todas essas peças más que não duraram em cartaz.

Da Costa – As peças que não souberam encontrar o seu público, como dizem...

Da Silva – Aquela em que estamos não devia estar em sintonia com os tempos... Tira uma amostra do ar ambiente. Vamos enviá-la ao laboratório para verificar.

Da Costa tira um pequeno frasco do bolso, destapa a rolha, espera um momento, depois volta a tapar e guarda o frasco no bolso.

Da Costa – E pronto. A peça terminou.

Da Silva – É o momento de abandonar a cena. Definitivamente. Para nós, foi a última função...

Da Costa – Só falta sair por ali.

Da Silva – Pensar que toda esta pobre gente pagou bilhete...

Da Costa – Não é um drama.

Da Silva – Deveríamos ter chamado a isto "Autópsia de um Fracasso."

Da Costa – Eu teria preferido atuar numa obra-prima... Para passar à posteridade.

Da Silva – Talvez na próxima vez...

Saem.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Breves de palco
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Novembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-277-7

Documento para download gratuito